

GABRIEL PRIOLLI

NAVEGANTES DA DESCONFIANÇA

E AGORA TEMOS
UMA AMEAÇA
REAL A
ENFRENTAR, A
FAKE NEWS
MASSIVAMENTE
DIFUNDIDA
PELAS NOVAS
MÍDIAS DIGITAIS,
QUE DESTROÇA
NÃO APENAS A
CREDIBILIDADE
DA IMPRENSA,
MAS A PRÓPRIA
IDEIA DE
VERDADE DOS
FATOS

Em setembro de 1987, quando IMPRENSA estampou na capa que “Perdemos a Credibilidade”, o primeiro número da revista estava saindo da gráfica e eu, entrando na redação, para ser o editor-executivo. Apesar da gravidade do que a chamada apontava, eu não me preocupei tanto com ela, pressionado que estava pelos imperativos da urgência.

Haviam problemas mais imediatos a resolver, inclusive os prosaicos, como o de trocar os caixotes de frutas que usávamos como cadeira e as portas sobre cavaletes que faziam as vezes de mesa. O número 2 da revista tinha de ser editado com o mesmo padrão elevado do inicial, e seria bem mais produtivo encarar a trabalhadeira com os traseiros e as máquinas de escrever devidamente acomodados em móveis de verdade, do que agoniar-se com o triste retrato da imprensa pintado por nós mesmos.

Mas aquela capa, ancorada em pesquisa Gallup realizada um mês antes, com 611 entrevistados na Grande São Paulo, revelou-se incrivelmente premonitória. A desconfiança dos cidadãos com a imprensa viria a ser um tema central nos debates posteriores da nossa democracia ainda nas fraldas. Como é muito mais agora, quando o *dress code* da moda é novamente a farda e a democracia é uma senhora sofrida e cambaleante, que caminha sem muito rumo para um futuro incerto.

Na matéria de 1987, resumíamos os resultados da pesquisa sem meias palavras. “A imprensa está mais preocupada em defender interesses de pessoas e grupos. E, para isso, distorce os fatos, altera a notícia”, dizia o parágrafo inicial. De fato, esmagadores 87% dos leitores de jornal

expressavam essa percepção. Entre os telespectadores, 67% acusavam distorções permanentes ou eventuais. Dos leitores de revista, 65% e dos radiouvintes, 61%.

Passados 31 anos, parece que nada mudou. IMPRENSA publicou em março o estudo global Edelman Trust Barometer 2018, realizado em 28 países, apontando que a mídia é a instituição menos confiável ao redor do mundo. “Para 74% dos brasileiros, jornais, rádios, emissoras de TV e internet estão mais preocupados em atrair uma grande audiência do que em noticiar”, relatamos. “Outros 71% acreditam que os meios de comunicação sacrificam a exatidão para serem os primeiros a dar uma notícia. Já 67% dizem que os veículos apoiam uma ideologia, em vez de informar o público”.

Entre uma e outra sondagem, entretanto, muitíssimas coisas mudaram. Tivemos oito presidentes empossados e dois deles derrubados por *impeachment*, num carrossel político que oferece grandes emoções e nenhuma estabilidade institucional. A internet converteu-se no centro da indústria da comunicação, levando a mídia impressa a um estado quase terminal e a radiodifusão, outrora onipotente, a um melancólico declínio.

Perdemos a chance de regular a nossa mídia com a mesma legislação avançada das democracias maduras, conflagrando-nos em torno de uma quimérica censura, nunca exercida por qualquer governante. E agora temos uma ameaça real a enfrentar, a *fake news* massivamente difundida pelas novas mídias digitais, que destroça não apenas a credibilidade da imprensa, mas a própria ideia de verdade dos fatos.

O papel da imprensa na sociedade está mesmo em profunda crise. Convém aceitar esse fato da vida, sem a nossa habitual soberba, e encontrar remédio para estancar a sangria da nossa credibilidade. Se a coisa continuar nesse ritmo, as notícias sobre a mídia em 2050 serão ainda piores. ■

Gabriel Priolli foi editor-executivo e diretor de redação de IMPRENSA entre 1987 e 1991. Hoje é produtor independente de TV e consultor de comunicação política.